

JOSE
BARRALPAS
-1922-



Ilustração Portuguesa

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça
PROPRIEDADE DA Sociedade Nacional de Tipografia
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cts.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:
Trimestre 6\$50. — Semestre 12\$00. — Ano 26\$00.
COLONIAS PORTUGUEZAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00.
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redação, administração e oficinas: — Rua do Seculo, 43, LISBOA

O melhor
Cha exportado da
Inglaterra é o
Cha Endvar

Solicitamos Agentes
Compradores para os
mercados onde não
tenhamos representantes

CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



Crown Ribbon and Cotton Mtg. Co.

Machinas de escrever,
accessorios e officinas de reparação:
Freços resumidissimos

Vende **J. Anão & C.ª L.ª** da
R. Nova do Almada, 6. 2.ª
Telefone 2506 LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA



ANEMIA

DEBILIDADE, NEURASTHENIA, TISICA

Todos os Medicos proclamam que

• VINHO • **DESCHIENS** (PARIS)

de Hemoglobina

CURAM SEMPRE

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Estabelecimento destinado exclusivamente ao tratamento de senhoras e creanças

Directora: — **MADAME CAMPOS**

Laureada pela Escola Superior de Farmacia da Universidade de Coimbra.—Diplomada com frequencia em massagem MEDICA ESTETICA, pedicure, manucure e tintura de cabelos, pela Escola Francesa de Paris d'ORTOPEdia E MASSAGEM.—Ex-massagista assistente do Hotel Dieu, de Paris. Anfiga professora diplomada inscrita e premiada em diferentes cadeiras. Quimica-Perfumista e Socia efectiva de diferentes Sociedades Scientificas, etc., etc.

AVENIDA DA LIBERDADE, 23-A

Telefone

Endereo telegrafico

Estabelecimento unico no genero em Portugal e o mais importante da Peninsula

3641-C.

BELEZAK

Esthetica Feminina

Tratamentos de Beleza pela Electricidade applicada sob todas as suas formas

Massagem medica, esthetica e higienica, manual e combinada de electricidade, massagem vibratoria e pneumatica

Produtos Rainha da Hungria

P6 de Talco Rainha da Hungria—Contra a vermelhidão, erythemas, urticaria, calor, congestão do rosto devido ás perturbações da circulação, pruridos, eczemas, impetigo, erythemas das creanças gordas, etc.

Sabonete Rainha da Hungria—O mais delicioso e perfumado.

Creme Rainha da Hungria—Deliciosamente perfumado.

P6 Rainha da Hungria—Extracto para assetinar e aveludar a pele.

Agua Rainha da Hungria—Limpa e fecha os poros e evita os pontos negros.

P6 de Arroz Rainha da Hungria—Magnifico para a pele.

O catalogo illustrado desta Academia envia-se a todas as pessoas que o requisitem mediante a importancia de 1\$00

N' venaa em todos os bons estabelecimentos

ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

Avenida da Liberdade, 23-A

TRABALHOS TIPOGRAFICOS
EM TODOS OS GENEROS

fazem-se nas
officinas da "ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 - LISBOA

ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



AUTO-RETRATO DO PINTOR ANTONIO CARNEIRO, QUE
EXPÕE NA SOCIEDADE NACIONAL DAS BELAS ARTES

A CIDADE

Em plena luz, em plena transparencia,
A cidade é um altar de imagens ricas.
O ar fluido e subtil tem a apparencia,
O colorido estetico das micas.

As janelas ao sol são lantejoilas,
As ruas, coloridas, lembram cromos,
Os telhados são campos de papoilas,
Onde os gatos se movem como gnomos.

Sobre a cidade paira a voz sonora
Dos pregões, das orquestras e dos sinos,
O sol é uma fornalha creadora...
As brasas são os corpos femininos.

Nos jardins perfumados, os canteiros
Na transparencia maxima das flôres,
Vão desdobrando, aos olhos dos romeiros,
A teoria esplendida das côres.

Varinas de saio te pelo artelho
Lá vão erguendo as vozes e a canastra.
Nostalgico, o pregão do ferro velho
Pela cidade se dilue e alastra.

Garotos de jornaes em movimento
Correm n'um passo esperto e vagabundo
Como folhas levadas pelo vento
Atravez da cidade a correr mundo.

Abro os olhos em plena claridade,
E, deslumbrada, olho... Que esplendor!
O sol é uma romã sobre a cidade,
Uma romã a desfazer-se em côr.

Lisboa, Fevereiro de 1921.

FERNANDA DE CASTRO

O nosso numero de hoje não pretende ser, de modo algum, um numero especial consagrado ao Entredo. Se o fosse não publicaríamos a sensacional entrevista com o grande poeta Eugenio de Castro. Alguns artigos alusivos á epoca são da absoluta iniciativa dos nossos colaboradores.

O nosso ultimo numero foi atacado, violentamente, pela praga das gralhas. A cronica do nosso amigo Afonso de Bragança, que era uma ofensiva contra as gralhas, foi derrotada por elas. Assim, entre outras, onde se lê «as pernas percebem assim o seu loup», dever-se-ha ler «as pernas punham assim o seu loup». Tambem no Elogio das horas escapou uma gralha impertinente: onde se lê «Um transeunte que passa, a assobiar, avisa-me que o sol está perto» leia-se «Um transeunte, que passa a assobiar, avisa-me que o sol está perto».

ANTONIO FERRO, director da «Ilustração Portuguesa», vai no proximo mez de abril ao Brazil, com a Companhia Lucilia Simões, realizar uma serie de conferencias. Entretanto, Antonio Ferro não abandona a direcção do *magazine*. Trata-se apenas duma curta ausencia. Mesmo no Brazil ele continuará a obra iniciada aqui.

Reconhecendo o pronunciado, o indiscutivel gosto literario da nova geração, a *Ilustração Portuguesa* resolveu dar todo o seu auxilio áqueles que, na provincia, longe de todo o convivio intelectual, se interessam pela literatura e a ela dedicam grande parte da sua actividade.

Para esse fim, escolheu a *Ilustração Portuguesa* um escritor de grande merito, poeta festejado, que a todos os assinantes d'esta revista e sem nenhuma remuneração, dará os seus conselhos e as suas lições.

Portanto, desde já podem os senhores assinantes enviar a F. de C., para a Redacção da *Ilustração Portuguesa*, as suas produções literarias (em prosa, verso ou teatro), certos de que F. de C., os atenderá com o maior carinho e solicitude.

F. de C. indicará as melhores leituras para um desenvolvimento intelectual muito rapido, emendará o que lhe parecer errado ou pouco correcto nas produções que lhe enviarem, indicará os defeitos para que d'elles se corrijam, salientará as qualidades para que não desanimem, dará pequenas lições particulares sobre metrica e sintaxe, manterá uma correspondencia assidua com todos aqueles que assim o desejarem, de modo a formar-lhes estilo proprio e uma exacta noção da literatura moderna.

No fim de cada mez, a *Ilustração Portuguesa* publicará, com retrato do autor, a poesia ou prosa que mais agradar a F. de C., dentro das produções que lhe enviarem, sendo feita esta escolha com a maior justiça, e sem desaire para ninguem.

A *Ilustração Portuguesa*, creando esta secção, tão util quanto agradavel para os obscuros poetas, prosadores ou dramaturgos da provincia, presta um valioso auxilio á literatura nacional.

Quantos e quantos poetas de valor se escondem em modestas aldeias do nosso paiz! Quantos e quantos prosadores, por falta de estimulo, ficariam, para sempre, esquecidos, sem a iniciativa da *Ilustração Portuguesa*!

Todos aqueles que não sejam assinantes e queiram seguir as lições de F. de C., não teem mais que mandar fazer uma assinatura á Redacção do *Seculo*.

Os senhores assinantes, ou filhos de assinantes, devem mandar dizer o seu numero de assinatura.

OS ULTIMOS ACONTECIMENTOS



Em frente dos Jeronimos — Infantaria 2, vinda de Abrantes



Na Ajuda — Uma força de infantaria com metralhadoras

(Cliché Garcez)



Eugenio de Castro na intimidade

A ENTREVISTA DA SEMANA

EUGENIO DE CASTRO

PARA mim, de ha muito, é Coimbra a capital da Beleza luziada. No seu ambiente de perola e de enlevo—pairam as azas tremulas e líricas da Miragem. Coimbra é a cidade-sonho, a cidade-ritmo, a cidade-beatidade. Na sua atmosfera, anda esparsa o grande aroma placido do estase.

Tomada assim, como terra simbólica e feérica, é Coimbra a melhor moldura para Eugénio de Castro—o poeta-benedictino, desdobrador de imagens, transfigurador musical de palavras, creador de versos que pairam, de versos que esplendem, de versos diafanos que são azas, de versos escultóricos que são estatuas, de versos profundos que são almas, de versos infinitos que são astros...

Eugénio de Castro não ficaria bem dentro do bulício enervado e envenenado das cidades que pulsam. Não ficaria bem num exílio rustico, campestre—onde os seus poemas, trajados de sêda, ficariam deslocados como infantes orgulhosos, viúvos de pompas. Não ficaria tambem logicamente ao pé do mar, do mar cujo grande tumulto de ondas genúflexas seria uma tempestade a apagar a melodia da sua arte.

É ali que ele está bem—em Coimbra, uma cidade que, á noite, em certos momentos fluidos de plenilunio, é uma *réverie* de Rodenbach, um eden extenso e branco e melancolico, como se fosse apenas creado para a grande scisma intima dos eleitos...

E assim como Coimbra é o ambiente justo para Eugénio de Castro—assim Eugénio de Castro é o poeta de Coimbra—o poeta que dá, na sua forma, e maravilhosamente, a mansa dramaturgia das suas

evocações, a serena ondulação em anfora das suas colinas aveludadas, e a dolorosa magua confidencial que da sua paisagem se desprende, se alarga, num longo relicario de saudade, numa palida eucaristia de renuncia...

Ha muitos que teem uma decepção quando encontram Eugénio de Castro, em Coimbra, a levar uma vida calma, inalterada, quasi monotona, quasi banal. Para esses, o artista da *Salomé* e do *Sagramor*, o esplendido enjoalhador de figuras e de simbolos, só ficaria bem cercado numa auréola estilizada, num conjunto de inverosimilhanças scenograficas.

É um erro. Uma ilusão. Uma miopia. É assim mesmo que se torna sobranceira e significativa a personalidade do poeta. É assim. É no decorrer brando das suas horas sóbrias, as suas horas de professor e de esteta, as suas horas patriarcaes de isolado e de devoto da familia. Eugénio de Castro é um místico de espiritualidades e um místico de belezas moares. Por isso, sem abandonar o vôo heraldico do sonho—ele acolhe-se ao abrigo beatifico do lar—e, desta forma, a sua vida corôa-se das finalidades mais altas e mais puras...

Eu queria ver Eugénio de Castro, falar de Eugénio de Castro—mas não como os outros teem feito. De ha muito que me liga ao Poeta maior do nosso tempo uma intimidade admiravel. De ha muito que me habituei a conhece-lo de perto, na vida que ele vive e no culto que ele me inspira—e por isso, eu não tenho gostado de o ver deformado, em entrevistas

tas mercenarias de imprensa, entrevistas que, quando querem pôr em fóco Eugenio de Castro, fazem no absurdamente, barbaramente—como nuvens negras eclipsar n'ó um astro...

Eugenio de Castro é uma supremacia que todos reconhecem, que todos consagraram, ha muito, no fervôr unanime da gloria. Por isso, eu não compreendo que se entreviste Eugenio de Castro para lhe reproduzir a biografia, para, mais uma vez, alongar banalidades profanadoras a proposito da sua obra. Eu só compreendo que se entreviste Eugenio de Castro para o surpreender na clausura da sua Arte, para lhe ouvir falar de intimidades com grandes vultos, frateros na altitude e no genio. Para lhe ouvir tambem contar aquilo que a sua aspiração agora imagina, aquilo que as suas mãos divinatórias vão burilar, para a nossa sensibilidade e para os nossos olhos.

Entrevistar Eugenio de Castro, para mim, é isto. E é isto que eu procuro fazer—dentro do pobre vôo ascendente do meu espirito e dentro da pobre harmonia estetica da minha prosa.

Todo o interior que o Poeta habita é cheio de aristocracia e de exilio. Retratos brazonados, retratos de antepassados illustres, onde ha faces altivas de guerreiros, magestades glabras de prelados, habitos coloridos de cortezãos. Cadeiras hirtas, goticas, severas. Colchas de motivos portugueses, escrupulosamente portuguesas. Alguns espelhos, com cercaduras doiradas, numa quietação liquida de reflexos. Uma luz doce, abrandada, macia—a luz meditativa e loira de Coimbra.

Eugenio de Castro acolhe-me com a sua affectuosidade de sempre. Ele acaba de chegar dos seus exames da Faculdade de Letras. Vem um pouco esgotado, um pouco entristecido—e é natural—com o contacto de algumas inteligencias balbuciantes, sobre as quais ele teve de se curvar, num sacrificio...

Tomamos primeiro o chá. A sala de jantar é cheia

de lampeamentos de pratas e cheia tambem de pequenas notas de arte, faianças portuguesas, estrangeiras; quadros, armarios, cristais.

É uma tarde acinzentada, neurastenica. Frio. O sol encoberto, o ar todo viuvo do sol. Passamos a uma sala. Na meia penumbra, principia a conversa. Eugenio de Castro fala-me dos seus primeiros estudos, da sua primeira ida a Paris, da sua passagem pelo meio aristocratico e palaciano de Lisboa, da Lisboa dos fins do seculo XIX. Mas quando a sua figura de artista começa a ampliar-se, a crescer, é no momento revelador dos *Oaristos*...

—Foi, absolutamente, o iniciador do simbolismo em Portugal...

—Em Portugal e Espanha. O simbolismo, quando eu o cultivei, era quasi só notavel em França...

—E foi como o representante iberico do simbolismo que os intellectuais de Paris lhe ofereceram um banquete de homenagem...

—Foi. Paris estava então em plena effervescencia simbolista. Havia os dois cafés onde pontificavam Morêas e Verlaine—Morêas, no *Varquette*; Verlaine, no *François Premier*...

E Eugenio de Castro descreve-me Morêas, *dandy* amosquetado, pontificando, numa roda de homens e mulheres de Letras, passando a vida a escrever,

sobre a mesa de marmore do café, livros, cartas, poemas...

—Quer ver um retrato de Morêas?

Esse retrato está ali mesmo, perto de nós, soberbo, petulante, flor rara na botoeira, com um ar de sobrançeria e de orgulho. Ha uma dedicatória: A Eugenio de Castro—«en toute sympathie»...

—E Verlaine, no *François Premier*?

—Ah! Era deploravel, meu amigo! Rodeava-se de farrapos e de boemia—mas da boemia mais sordida. Era um genio—dentro duma taberna. Todos lhe conheciam as taras, as crises. Em França, era verdadeiramente tido como «un mauvais sujet»...



Eugenio de Castro entrevistado pela «Ilustração Portuguesa»

Eugenio de Castro fala dos grandes expoentes da Arte Simbolista com uma familiaridade natural. Eu encontro nele aquilo que os outros, quasi todos, não tem sabido encontrar: o homem independente e glorioso que, na *mêlée* europeia desse tempo, não foi um discípulo, um detalhe — mas um dos maiores, dos mais aureolados mestres, um mestre esplêndido que a intelligencia universal coroou de louros, elegeu para o triunfo! Rubên Dario — e isto já foi citado — Rubên Dario referiu-se ao Poeta, salientando no mundo latino, como líricos maximos, Eugenio de Castro, Gabriel d'Annunzio e Maeterlinck. Falo-lhe nisso. E ele sorri-se:

—Rubên Dario baseou toda a sua conferencia num estudo que Brinn'Gaubast escreveu sobre mim, num jornal que então se publicava em Atenas — «Stamboul» — Af foi que surgiu primeiro essa ideia dum triunvirato de Poetas latinos... De resto já ha um livro que é dedicado a d'Annunzio, a Mistral e a mim. E' um livro de Lionel de Rieux: «Le choeur des muses»...

Eugenio de Castro mostra-me então o livro de Lionel de Rieux. Lá está, na entrada, uma invocação, em alexandrinos: A' musa provençal de Mistral; A' musa romana de d'Annunzio, e A' musa luziada de Eugenio de Castro.

Mas lembro-me de voltar á homenagem intelectual de Paris:

— Quem organisou esse banquetta?

— Catulle Mendès. Catulle Mendès e Moréas. Todas as figuras de relêvo lá estiveram, ou se solidarisaram. Catulle Mendès era português, de ascendencia judaico-portuguesa. E interessava-se imenso por nós. Escrevia-se até, quinzenalmente, com uma senhora da nossa sociedade...

— Misterio...

— Sim, misterio...

Eu posso revelar-lhe o que penso, mas em segredo...

Um intervalo na entrevista — que é para o publico. Pronto! A confidencia está feita. Regressamos...

— Conheceu então intimamente todos os principais valores da epoca...

— Bem vê. Eu diriji tambem, com Silva Gaio, a revista *Arte*, que tinha entre os seus colaboradores, Maeterlinck, Verlaine, d'Annunzio, Regnier... Todos...

— E chegaram a colaborar?

— Tenho cartas de Maeterlinck e d'Annunzio a prometer colaboração, que nunca, afinal, se effectuou. De Verlaine, publicou-se um conto, inédito. De Regnier, saiu tambem qualquer coisa...

— Um dos seus amigos era tambem um curioso vulto que agora morreu: Montesquiou Fezensac...

— Era. Um temperamento excêntrico, interessantissimo. Tinha a mania das atitudes e das scenografias. *Poseur*, muito sangue azul, muito aristocrata. E de uma vaidade intransigente, dogmatica. Tinha um palacio decididamente inspirado nas «Mil e uma noites» — todo cheio de manchas decorativas, orientalis-

mos exóticos sedas, angorás, criados asiaticos, tabacos estranhos, *bibelots* inverosimeis...

— E Mallarmé? Conheceu Mallarmé?

— Pessoalmente, não. Mas tenho, dele, uma correspondencia longa, que ainda hei-de publicar em volume...

— E' uma ideia admiravel. E essa correspondencia esclarece-o? Dissolve um pouco do fumo que ele queria sempre entre si e a multidão?

— Penso que sim. Eu abro o volume com um estudo sobre Mallarmé... E julgo esclarecê-lo e á sua obra...

Havia mais, muito mais retratos a folhear, na galeria evocadora da memoria do Poeta. Mas temos estado demais além fronteiras. Reentremos em Portugal! Antes, porém, uma ideia surge:

— Ainda voltou a Paris, ao estrangeiro?

— Varias vezes. Eu gosto

imenso de viajar, mas não é pela viagem... E' pela partida, no momento em que a nossa alma bebe horizontes, imagina maravilhas... E é pelo regresso, quando se repousa e quando se recorda, já ao calor da Raça...

— Isso mostra-o como um nacionalista quasi religioso, quasi fanatico...

— E sou-o. Mesmo que os criticos não o vissem sempre, eu nunca deixei de ser de um nacionalismo enternecido, constante...

E já que o Poeta me faz esta afirmação, apresso-me a falar-lhe, devotamente, na terra e no espirito portuguezs...

— Algumas recordações da sua geração literaria?

— Os meus grandes amigos, quando estive em Lisboa, dois: João de Deus e Fialho. Com o Fialho dava eu grandes passeios noctivagos. De uma vez, entretivemo-nos tanto a conversar, que, partindo do Rocio, onde moravamos, demos uma volta fantastica passando por Santos, pelo Aterro, por S. Bento e acabando outra vez no Rocio, ás seis da manhã, com a madrugada clara.

Como se falou em Fialho, aludo aos dois outros nomes que surgem, em cadeia: o Ramalho, o Eça...

E Eugenio de Castro, sereno a falar de si, vibra a falar dos outros:

— O Ramalho! Era o melhor amigo, o mais leal, o mais certo, que eu conheci. Por mais de uma vez tive provas de que era, além de um grande cerebro, um grande coração. E então que grande solidez, que dandismo inquebrantavel! Uma vez, fui ao enterro dalgum da familia Arnoso, no norte. Cheguei pela manhã, com a noite perdida, a Campanhã, onde devia juntar-me com o Ramalho. Pois encontrei-o já escanhoado, magnifico, pontual, olhos espertos, polainas negras, impecaveis, sobre biqueiras reluzentes...

— Do Eça...

— Do Eça, varias impressões, em Paris, onde ás vezes o procurava no seu gabinete de diplomata. Era no declinio da vida. Tornara-se mais palido, mais elegante ainda — uma figura sempre encadernada de



Um momento da entrevista

preto, olhos amortecidos, sobrio de joias, neuras-tenico...

A entrevista torna-se interminável. Sinto a urgência de resumir. Passo a ser incisivo em perguntas, rápido, sem descansos:

— Quería conhecer as suas obras novas...!

Eugenio de Castro, dias antes, uma tarde em que eu jantara em sua casa, lêra-me a maior parte dos versos dos *Cravos de papel* e das *Canções desta negra vida*. O primeiro destes livros — explica-me o Poeta — é um aspecto novo da sua Arte: a quadra popular, com temas renovados...

— Renovados e estilizados...

— Estilizados, já se vê, um pouco. Mas sem preciosismo. Procurando a espontaneidade, a simplicidade límpida...

— E as *Canções desta negra vida*?

A intenção?!

— Confissões morais, por vezes tocadas de filosofia. Páginas de análise e de ternura...

Como ternura recordo-me bem daquelas quadras aos seus cinco filhos — entre os quais um, o Luis, o mais velho, é um curioso espirito, intelectualista e culto. Essas quadras estavam sintetizadas noutra, dos *Cravos de papel*, que acabava:

*Quem me dera cinco imperios
P'ra os cinco filhos que tenho!...*

— Mas tem ainda outro projecto...

— Projecto já realizado. Um livro que é uma colecção de poemas dispersos. Alguns sonetos. Um estudo de marítimo de Buarcos — «O Borsasca». Um outro, de evocação clássica — «O pé de marmore»...

Eugenio de Castro faz-me ouvir então «O pé de marmore». É um trecho esculpido em formas sonoras e regias, onde toda a maneira decorativa e melódica do Poeta vibra, canta, floresce, irradia e triunfa. Quando a voz calma, assurdinada, acabou, eu estava cheio de um fremito infinito de emoção. Escutara uma das paginas maximas da poesia portuguesa. Sem poder pedir-lhe, para transcrever esse milagre de Arte, tive a audacia de pedir um soneto. Eugenio de Castro, generosamente, acedeu. Aí vai esse soneto, desconhecido ainda do publico, e onde vive ainda o estilo policromo e estatuario do creador do *Interlunio*; chama-se, sumptuosamente, «Imperatriz Bizantina»:

*Num jardim de folhagens oirescentes,
Por outoniça e luminosa senda,
Dulce, esguta figura de legenda,
Avança, em leves passos indolentes.*

*Ei-la que, alçando as mãos evanescentes
Colhe, num fino gesto d'offerenda,*

*Aurea romã, que exhibe numa fenda,
O rubor dos seus grãos incandescentes,*

*Fugindo então do mundo vil, prosaico,
Em bisantina cripta iluminada,
Cuido ver hirta e fulva imperatriz,*

*Que no fundo radioso do mosaico
Ergue, na eburnea mão extenuada,
Um globo imperial d'oiro e rubis!...*

— A sua ideia sobre a literatura de hoje e a de amanhã? As diretrizes? as orientações novas?

Eugenio de Castro, na sua expressão meditativa, olhos placidos, voz penetrante, explica-nos. Ele é pelo

classicismo, pela pureza e pelo equilibrio classico. O que ele acha é que o classicismo se deve explorar com algumas renovações, utilizando algumas conquistas, mas sem lhe deformar a harmonia lisa e luminosa.

— Pelo classicismo? E contra tudo? Contra todos?!

— De maneira nenhuma! Concebo todas as biblias de Arte, as mais desencontradas, as mais contraditorias!... O que apenas exijo é a Beleza — a Beleza que é preciso arrancar-seja como fór, seja de onde fór!

A voz subiu, transfigurou-se. As pupilas luzem, veementes. E julgo vêr realmente, impalpavel e olimpica, a Beleza, que está ali, junto de mim, na criação do Poeta — A Beleza, a sua confidente, a sua amiga íntima...



Um retrato do Poeta, obra de Columbano, e que até hoje não tinha sido reproduzido

Preferencias. Algumas, dispersas. Entre escritores portugueses, Eugenio de Castro

tem um culto verdadeiro por Castilho. Afirmou-me ele que os mais belos poemas da nossa lingua estão na obra do mestre da *«Lira Anacreontica»*. Põe-no Eugenio de Castro acima de todos — talvez por ser o que mais flagrantemente adoptou o feito classico na nossa Arte.

— E... dos novos?

O Poeta tem condenado os novos. E eu digo-lhe que isso é doloroso para nós, que isso é injusto.

— Ah! Mas eu aprecio imenso os novos. Nem eu teria o direito moral de os atacar! O meu desejo, seria estimulá-los, levantá-los. Eu não digo mal dos novos. Só discordo muitas vezes da direcção que eles levam...

Agora, compreendo. Por muito querer aos novos, é que Eugenio de Castro tem, para com eles, uma severidade vigilante. É até uma afirmação do seu carinho intelectual por nós, os que vamos na subida ingreme da Arte...

Esse carinho intelectual, o Poeta demonstra-mo agora, com algumas frases a meu respeito, frases que me sensibilizam até ao fundo de alma. A maior consolação que se tem, das agressões malignas da Vida, é esta, de receber o apoio generoso dos artistas maximos, dos artistas que nós temos dentro de uma religião mais alta. Esse minuto passa para mim, nas gentilissimas palavras de Eugenio de Castro.

Outros nomes de novos...

O Poeta não tem tempo para lêr tudo. Recebe livros da França, America, Espanha, Italia, Os livros caem, em piramides, no seu quarto — e por vezes saem dele, paginas ainda fechadas, condenados a um desconhecimento perpetuo. Nem admira.

Mas Eugenio de Castro cita-me dois outros nomes de novos:

— Ha uma poetiza, Fernanda de Castro, que me mandou as suas *Danças de roda*. Tem uma grande

sensibilidade e, por vezes, uma linda forma. Alguns sonetos da segunda parte do livro são perfeitos...

E veem mais dois ou tres nomes: Antonio Ferro, João Cabral do Nascimento, Maria de Carvalho...

Acendem-se as luzes. Despeço-me. Coimbra está enevoada, nostalgica — Nossa Senhora da Lenda. E' essa Coimbra que recorda em cada horisonte e em cada recanto uma nota lirica de outr'ora — é essa Coimbra que vai prestar, ao Poeta, a homenagem da Nação, a homenagem da Raça. Essa homenagem é de todos nós, é de Portugal, é do Passado e do Presente — numa consagração suprema a Eugenio de Castro, o adivinho do Ritmo, o colorista sinfonico da Beleza, da Beleza, a sua amiga intima...

João AMEAL



A hora dos jornais

(Clichés Salgado)



EM LAUSPERENNE

Na velha igreja legendaria e alliva
Resta sómente, após o terramoto,
Perfeito ainda, rendilhado e imoto,
Um lindo portal gótico, em ogiva.

Que mão de artista singular e ignoto
No mármore prendeu a fugitiva
Aza do Ideal, na tentativa
De um vôo ascender ao ceu remoto? . . .

Côrpo de Cristo, o sol ensanguentado
Atravez d'esse pórtico relumbra
Sobre a palena d'oiro do Atlantico . . .

Ajoelham as sombras a meu lado,
Vae-se elevando em extase a penumbra
É a mudez do crepúsculo é um cantico . . .

12-1920

Candido GUERREIRO

Desenho de Roberto Nobre

O ELOGIO DAS HORAS

VII

(CONTINUAÇÃO)

SEIS horas da manhã... Como um palhaço lan-tejoulado, o Sol rompe, no Coliseu do Espaço, a pandeireta azul do céu, uma pandei-reta em papel de seda transparente...

Após a pirueta do Sol, a Terra agita-se, inquieta-se, num murmúrio, um murmúrio de aplauso, cada vez mais definido, mais ruidoso... Animado, estimulado, o Sol atira com os raios, apa-rra-os, atira-os outra vez, como labaredas nas mãos dum *jongleur*... Na terra, o entusiasmo persiste, so-be, cresce... O palhaço-excêntrico da Luz es-conde-se nos bastido-res das nuvens, retrai-do, modesto, esquivando-se aos aplausos, mas, cá embaixo, numa algazar-ra, chamam-no, clamam por ele, exigem-no...

Contrariado, aborrecido, *blasé*, o Sol regressa à arena do céu e, em novas *jongleries*, novos saltos, novos esga-res, aproxima-se da Terra que o aguarda, que se pre-para para o levar em triunfo, pelo Dia fóra...

Seis horas da manhã... O arraial da Noite terminou. Alguem acabou de apagar as últimas estrelas — balões à Veneziana, pendurados do céu... Aqui, ali, além, na alcova larga da Paisagem, as árvores, as casas, os montes, as flores, espreguiçam-se, com volúpia.

Na saudade do último sonho, erguem-se, lentamente, a bocejar, aconchegando a nudez com os far-ropos das côres, que despiram, à noite, para dor-mir...

As casas brancas enfarinhadas, — a giz na ardósia negra da Distancia — enfiam o traje branco de Pier-rot, com os botões pretos das janelas... As flores *coquettes*, frívolas, no à *vontade* da manhã, segurando gotas de orvalho, como espelhos de algibeira, põem dedadas de carmim nos lábios frescos das pétalas... As árvores, medievais, cavalheirescas, ajustam aos troncos o gibão de cortiça, ageitam o chapéu de plumas da ramada... Os montes, após o repouso da noite, corcovados, pedras aos ombros, metem-se, novamente, a caminho, na aspiração eter-na do seu sonho. Escalam a Terra, ferem os pés, em sangue de papoilas, nas asperezas da encosta, caem nas ribanceiras, picam-se nos cardos, que são os

alfinetes da Paisagem. Os montes, os pobres montes — judeus errantes da Terra!

Seis horas da manhã!... Bocejo largo da Natu-reza, Hora em que a Paisagem estende os braços, desgrenhada, descomposta, alisando, num gesto in-certo, os cabelos revoltos, com esse pente de dentes de oiro, que é o Sol...

Seis horas da manhã... A cidade é um ninho que

desperta, que se sente a chilrear, com timidez... São mais fre-quentes os carros, zig-zaguando, campainhando, relampejando sons...

Lá pelo alto, o Sol, a fageme cuidadoso, continúa a brunir, a polir a cidade

— espada! desem-bainhada que a noite enferrujou...

Ergue-se o casa-rio, em castelos de car-tas, com os valetes, os reis, as damas, as copas, as espadas e oiros — de frente para a luz...

Atiram-se os primeiros pregões, sonoros, vibrantes, que acertam na manhã como bofetadas, a despertá-la da sua sonolência teimosa...

Passa gente para o trabalho, gente humilde, miserável, com os corpos enxovalhados como rodi-lhas; mulheres ajouçadas de frutas,

de hortaliças, de legumes, como cestas a estoirar na verga entumescida das veias; — varinas sádi-as, fortes, salgadas, que trazem o mar na saia azul, o mar espumante nos folhos das saias brancas; retar-datarios da noite a fugirem do Sol que os persegue, viajantes que vão para o comboio, apressados, febris, já a caminho do mundo, no rápido dos passos...

Pregões, campainhas dos electricos, a alvorada nos quarteis, a moagem das vozes — *allegro vivace* da manhã...

Seis horas da manhã... Sabado da Aleluia na se-mana santa das Horas...

VIII

Vagues, le seuil béant, somnolen! les boutiques; Et d'un trottoir à l'autre ainsi qu'aux temps antiques Les saluts du matin échantent leurs candeurs.

ALBERT SAMAIN

Sete horas da manhã... A Hora caseira, a Hora em que a Terra veste quimono e põe papelotes nos



cabelos, a Hora em que a cidade toma banho, em que se perfuma, em que se penteia, em que se veste...

Arrumam-se as casas; arrumam-se as ruas, que são os compartimentos da cidade. Na frontaria dos prédios abrem-se, a medo, as palpebras das janelas; pela cidade, descerram-se os taipais, abrem-se os cafés, teatros de variedades onde o pano sobe, á hora marcada

Pelas janelas, as creadinhas madrugadoras—galos do lar na crista dos laçarotes—sacodem os tapetes que deixam debruçados, nas sacadas. Em frente ás lojas, varrem-se os passeios, que são os tapetes das ruas—as passadeiras da cidade...

Em *robe-de-chambre*, certas mulheres volumosas penduram os seios caídos nas travessas das varandas—como cachos maduros, com um bago, na extremidade, quasi a tombar... Na rua, passam homens, sem casaco, com as mangas arregaçadas, a desembainhar-lhe os braços musculosos, aqueles braços que levantaram o Sol, em peso...

Dentro das casas, os quartos atravancados de cadeiras, de fatos, de almofadas, dificilmente dão passagem... Dentro das ruas, a bulburdia das carroças, dos carros electricos, de toda a multidão que desce á romaria da vida, torna o transitio impossivel...

As navalhas rapam as barbas nos rostos; nas avenidas, nos jardins, as roçadeiras cortam, rente, o gazon—a penugem dos canteiros... Os rouxinóis dos labios chilreiam, pelas casas, os «bons dias» da manhã... Os «bons dias» da rua são os pregões dos jornais...

*

Sete horas da manhã! A Hora caseira, a Hora do avental, a Hora em que as creadas andam azafamadas pela rua, no arranjo da cidade... Hora artificial dos despertadores, hora que só é recebida, que só é ouvida pelos felizes da vida, quando o tempo lhes bate á porta, quando puxa, ameadadas vezes, as campainhas dos relógios. Hora das Gares, a hora em que os comboios começam a trabalhar, a conduzir os homens dum local para o outro, em carroçadas de pedras, na construcção incessante da Vida...

Sete horas da manhã! A Hora caseira da rua, em que a cidade veste quimono e põe papelotes nos cabelos...

ANTONIO FERRO



Desenhos de Bernardo Marques



NO baile de mascaradas da Vida ninguém se conhece; sob o loup dum sorriso sabe-se lá o que se esconde! Ha almas pierrots, ha espiri-

tos que são perpetuos chéché. O corpo é o dominó da alma; os narizes disformes, os olhos bonitos, as bocas que riem, são alugadas no guarda-roupa da criação. Sempre que chega o Carnaval, e ele, infelizmente, chega sempre, vou á gaveta das recordações e ponho par a par as cartas que sequeem. Vieram á minha mão por circunstancias varias; ha gente para quem o amor é um jogo de cartas. Com estas duas eu vejo as mascaradas de todos os dias, figuro o Carnaval de todo o ano e delixo-me ficar scismando na inutilidade de tres dias distintos... iguais a todos os outros.

Meu caro A.

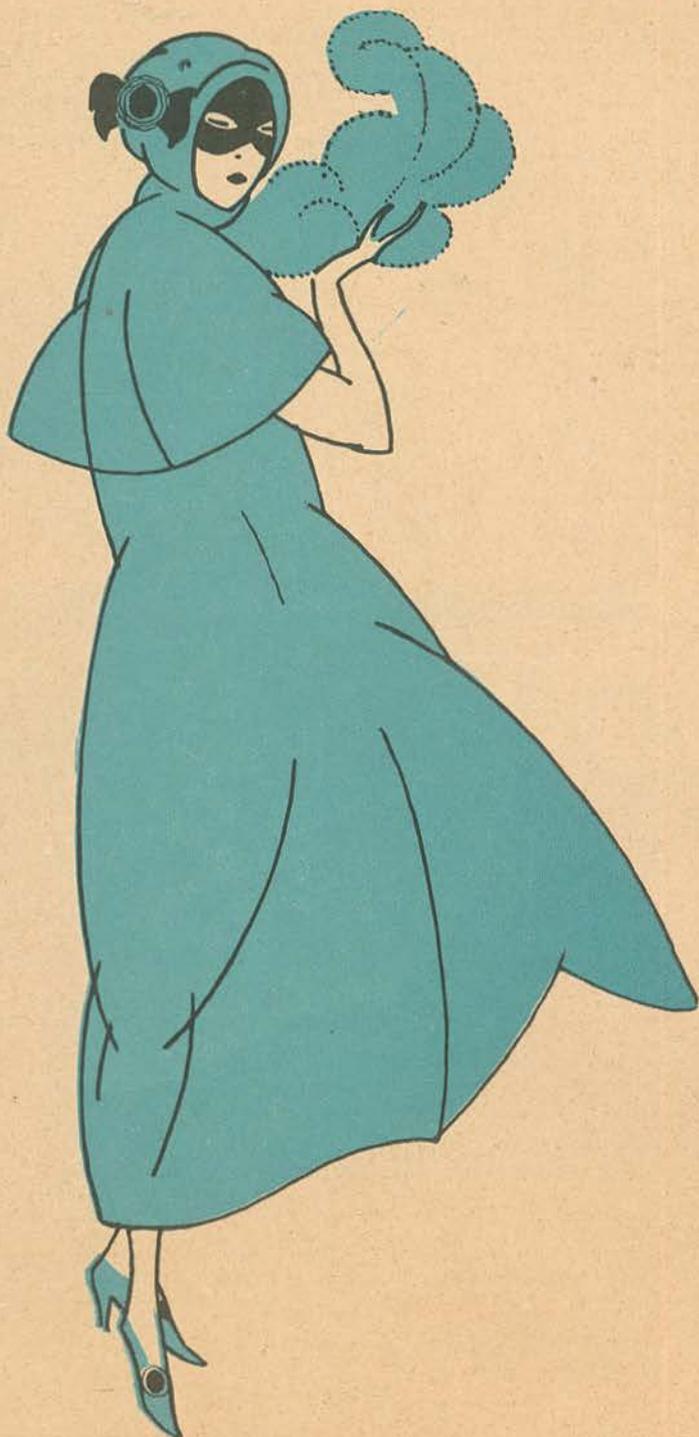
Escrevo-te sem saber porque o faço. Inutil movimento este meu, impulsivo até em dirigir-te uma carta podendo falar-te amanhã, depois, qualquer dia. Mas precisava talvez, imediatamente, concatenar todos os pensamentos que desordenadamente me assaltaram; necessitava entre a minha vida tumultuosa, um arumar sereno de sensações, para poder escolher, depurar todas essas primeiras impressões e ver o que fica afinal.

No sabado tive, como de costume, uma alteração com a Luiza. Esta vida sem filhos, a mediocridade da nossa existencia, a sua educação profundamente burgueza separam-nos cada vez

mais. A todo o momento tropeçam as nossas opiniões, desencontram-se os nossos gostos, hostilizam-se as nossas vontades. E foi assim profundamente

irritado que enverguei um dominó roxo, pele de mau setim que servira a tantos corpos já, e abalei para o Royal, para o baile. Partei-me de aborrecimento. Até ali, no proprio club, me parecia ver o riso derradeiro do Carnaval num estertor prolongado. Até que um dominó azul, recorte feminino, baixo, sentado a um canto, iludindo a sua tristeza, me atraía as atenções. Descobri o inevitavel romance. Eu adoro as mulheres pequenas; minha propria mulher é deste talhe. Por duas gretas, azeitonas negras, via dançar misteriosamente dois olhos, e que procuravam avidamente descobrir-me sob a mascarilha. Falámos muito, como se nos conhecessemos e tivessemos sido levados um para o outro por um impulso reciproco. Em que falámos? Vagamente em amor. Na desolação de todos os dias, nas venturas que nunca se atingem. A medo, fui sondando os meus gestos, e, nem por maiores rogos, foi capaz de me deixar beijar a mão. Era uma mulher invulgar, era positivamente a mulher que nunca terei. Em tudo nos pareciamos, nas opiniões, nos projectos duma vida tranquilla... e tudo em nós era prepassado da mesma tristeza como se ambos estivessemos presos por grilhetas a outra Vida.

Depois duma hora ou mais em que tanto nos afastámos do mundo na cons-



trução de fantasias, veio um grupo de dominós bus-cá-la. Pediu-me que não a seguisse, e, num relance, enviou-me com as pontas dos dedos um beijo que senti apenas na alma. Oh! a aventura, a aventura que nunca mais tem fim...

E agora ha 3 dias que ando alheado de tudo, a pensar nesse misterio tão belo e cuja divina graça nunca mais esquecerei. Se não fosse a Luiza andar despreocupada, descobria que a atração pela fórma mais horrivel: pela alma e pelo pensamento. Mas a vida continúa, impassível, fria, embirrenta! Aqui tens o meu segredo? E agora? Que me aconselhas? Duches, talvez! Paciencia, meu velho. E oxalá não caias um dia no mesmo amargo sofrer do teu quasi irmão

Raul

Minha boa Alice

Ha talvez dois mezes que não te escrevo a saber dessa mocidade sempre feliz. Não te pergunto quando te casas, nem te aconselho a que o faças. Goza os teus 22 anos porque enquanto fores livre, fresca, radiante, terás sempre a felicidade dos 22 anos. Não te falo assim porque queira dar a entender que o casamento seja o suplicio eterno, não; mas porque sou tua amiga e devo sempre oferecer-te um bom conselho. E' a experiencia propria, sim, confesso; e já que estamos em confidencias, acrescentarei que a época das desilusões já tocou cá por casa. O Raul é no fundo bom, sentimental, mas tem um feitio insupportavel, Lembras-te do nosso namoro? Parecia que nos entendiamos tão bem. Havia tanta pressa em casarmos... E para quê? Hoje não nos compreendemos; vivemos a vida de todos os dias, tragamos o pão indifferente de todos os casaes que do amor apenas

conservam estas ruinas: viver juntos. E' pouco, sabes, é muito pouco. E' a desilusão... Dá vontade de voltar atraz, desfazer tudo, mas repara-se amargamente que só uma coisa se não readquire: o tempo gasto, despedaçado erradamente. Por isso, minha boa Alice, reflecte bem, não te deixes sonhar, e gosa principalmente a tua mocidade.

Mas não foi só para isto que te escrevi; quiz sentir o passado, e tu, minha boa companheira de outros tempos, alegras-me. Confidente do meu passado amor, has-de estranhar o que te digo; has-de murmurar: «como todos mudam!... Os estragos que o tempo faz». Embora digas o que quizeres, faz-me bem falar-te hoje... sim... eu não te escreveria se não tivesse um motivo. Ei-lo: No Carnaval fui a um baile. Sem que o Raul soubesse, abalei uma noite. Precisava duma janela que se rasgasse sobre a vida, um dia que fosse de sensações novas. Fui com a Maria e o Guilherme, combinamos esta fugida. Levava um dominó azul e confesso-te que me aborreci toda a noite. E quando já me arrependêra, eis que o imprevisto surge. Um dominó roxo, uma voz que me parecia ter ouvido toda a vida, algumas palavras de sonho. Nada mais, vês? E isto chegou-me. Um homem, um infeliz, um desiludido talvez; as suas palavras tremiam um pouco, falámos em tanta coisa bela, esquecemo-nos de tudo que nos rodeava. Era ele, sim, o que nunca se encontra. Uma hora bastou para reconhecê-lo... Falámos por toda a vida... Como se chamaria? Nunca mais nos veremos...

E aqui está como voltei à vida. O Raul está intolleravel, o genio, o feitio, embora no fundo seja bom. Mas a minha vida partiu, dilatou-se em sonho; penso sem cessar no dominó impossível daquela noite melancolica.

Mas tu não comprehendes; tens a risonha ingenuidade dos teus 22 anos. Perdôa este desabafo, perdôa, minha boa Alice e rasga esta carta. Se tu pudesses vir passar 8 dias comigo. Escreve e aceita os beijos da tua amiga

Luiza

ARMANDO FERREIRA



Desenhos de Stuart Carvalhais



NO Chiado, numa vitrine de casa de modas, ha uma boneca.

No Chiado, — dir-me-hão — o que ha mais é bonecas. Sim, mas são de carne e osso, —aquele osso que é o aperitivo para a carne.

Esta, não. É uma boneca de qualquer coisa que não é carne nem osso. É de porcelana, é de celuloide. Não é de trapos, com certeza. Só lhe falta isso para se parecer quasi inteiramente com as outras.

Parei a olhar para a boneca, pasmado. E que-dei-me em meditações. É que aquela boneca, tem um arsinho fófo e petulante, frívolo e vicioso — que eu estava a conhece-la.

É duma semelhança extraordinaria com varias mulheres que eu conheço. Com *madame Z*, a semelhança, então, é fantástica. É ela ou o diabo por ela.

Mas, afinal é elas todas. A boneca é uma síntese. Está numa vitrine — disse — duma casa de modas. Exacto. E principia aí aquela síntese de porcelana ou de celuloide.

As bonecas que eu conheço também se encontram geralmente e facilmente nas casas de modas. E se não estão numa *vitrine* teem, pelo menos, o ar disso. Andam em exposição. Sobem o Chiado, descem o Chiado e no olhar dalguns gulosos lê-se, faísca um desejo violento e sufocado, como o dos *gavroches*, ante a vitrine duma pastelaria. Tem vidro...

Esse vidro é a convenção; são as conveniências; ás vezes, até, é a virtude. Mas é vidro...

Quando esses Dons Juões se precipitam sobre uma mulher eles teem todo o ar de quem vae quebrar montras.

Mas o que me interessa naquela boneca é o seu ar burguez, impudico, anafado.

É por isso que eu a conheço de qualquer parte, — de toda a parte. É por isso que ela se parece escandalosamente com *madame Z*.

No reino das bonecas é aquella uma burgueza, com certeza; e é casada. Daí o seu ar impudico. Só o tem assim as mulheres casadas, muitissimo casadas.

É é anafada. Não sei se já repararam que o pecado engorda...

Aquela boneca é uma síntese, um prototipo: o prototipo dessas mulhersinhas casadas e libertinas, gordas e sentimentaes, — que não ha nada mais sentimental do que uma mulher gorda... São, em geral, assim, redondinhas e petulantes. São burguesas, burguesissimas. O pecado, para muitas delas, não passa dum costume aristocratico. É o seu requinte, o seu *chic*.

Por isso, quando sobem o Chiado, elas tomam o seu ar mais impudico, tendo a certeza de que ele é o menos burguez.

Teem aquele ar de boneca: a cabecinha levantada, as pestanas em riste, o andar de arveola; uma arveola Luiz XV.

Mas a boneca está sentada; a perna vaudevillescamente curvada, por *chic*; e a saia castamente puxada, por habito.

É *madame Z*, com certeza. Está a pedir um cigarro como pão para a boca — o cigarro que lhe repugna mas que ela fuma, por um dever.

A pecadora burguesa, afinal, continua, no pecado, a ser fielmente burguesa. Ela é ainda — uma escrava dos seus deveres.

Foi o que me disse aquella boneca do Chiado. E foi olhando para ela que eu tive este ensinamento, que pode talvez revolucionar a pedagogia mas que simplificaría um pouco a vida do homem, do *homme-à-femmes* que todos nós somos obrigados a ser no Chiado.

É que quem, em criança, devia brincar com bonecas não eram as meninas; eram os meninos.

A boneca é a *maquette* da mulher.

MASCARAS DO AMOR



MEU caro, não te queixes da falta das minhas notícias. Sou o me'hor dos amigos. Se te tenho escrito ha quinze dias pregava-te um susto, um grande susto. Havias de supôr que mais uma «corbeille» de noivo caía sobre o teu orçamento. Escrevendo-te hoje, posso participar-te que não estou para casar e divertir-te com o meu carnaval amoroso.

Conheces a minha casa, na Travessa das Mercês, o n.º 9, de cujas janelas tanta vez te entretiveste a ver o carril das meninas do Conservatorio. Sabes muito bem que as trazeiras do meu quarto dão para as trazeiras da Calçada do Combro. Pois imagina tu que, aqui ha coisa de trez semanas, notei num terceiro andar, dos mais afastados d'esse trecho de colina arruáda, um vulto feminino e branco, romanticamente inclinado sobre o peitoril da sacada. Naquela congosta anda quasi tudo inclinado, mas que me impressionasse só uma vez o «tonneau» do Vicente, e desta feita o tal escôrço de mulher. Olhei, confesso que fiz mal. Olhei por curiosidade, mas a curiosidade é o postigo do amor. Nunca se deve espreitar pelo rálo desse postigo. Tive uma razão para cometer essa imprudencia: pareceu-me que ela estava a olhar para o predio que habito. Debrucei-me. Escoldrinhei o andar de cima, corri o imovel todo com a vista, até o saguão. Não vi nenhum Romeu.

—«Oh! Será para mim?!... Pois se é, deixá-la pensar!...»

E deitei-me. De manhã, ao abrir a janela, nem mais me lembrava da visinha das trazeiras, antes de ver o sol dei com o vulto branco, no mesmo sitio e na mesma posição em que o deixára na vespera, uma fiel imobilidade de mangerico que houvesse ficado na taboa do peitoril, a

apanhar o rocio. Sai. Fiz a vida do costume. Quando cheguei do teatro, entrei no quarto ás escuras. Não vi luz alguma no dito predio. Momentos depois de eu raspar o fosforo e acender a luz, logo um candeiro de petroleo, de grande bocal, passeou, como alma do outro mundo, dum para outro aposento, e á janela apareceu, pendente e triste, aquele vulto branco de mulher, de olhos na estrêla.

Intrigou-me. Fiz experiencias a horas descontraçadas. De dia, de noite, bastava eu apontar á janela logo, com uma rapidez de imagem num espelho, a outra janela se povoava daquela sombra extatica. Não lhe sabia o nome, mal lhe traçaria as feições se quizesse evocar, mas não deixava de me lisongear ver-me assim adorado. Nada que se parecesse com amor. Era verdade, que vem a ser metade para não dizer a totalidade do amor no homem, o que assim me pendurava mais tempo e mais frequentemente daquele desbotado peitoril, de companhia com a roupa de casa no caracteristico embandeiramento dos secadoiros do Bairro Alto. Uma noite dei ordens á creada de quarto para fechar as portadas da janela, ao anoitecer. Entrei perto das tres da madrugada. Abri a janela. A sombra lá estava sempre presente e presta. Estremeci, de gratidão, perante aquela Santa Genoveva que, por sobre os telhados das capoeiras, velava o meu somno, envolta

na luz fosforescente que nas fachadas cinzentas da casaria batia a madrugada, com o mesmo disvelo diáfano da Padroeira de Paris velando no macerado fresco de Chavanes.

Acreditei pela primeira vez no Amor, com todos os seus extasis de marmore, as suas aparições brancas ao luar ou á luz do candieiro de petroleo.

Escrevi-lhe. Era tempo de acabar com aquela situação ridicula de dois gatos a miar carícias, em beiraeas fronteiros. Respondeu-me. E apesar de ela estar guindada a um terceiro andar e de nos separarem quintaes, saguãos e capoeiras, consegui falar-lhe, como não hão-de conseguir corresponder-se duas comunicações subterraneas do mesmo vulcão?

As primeiras palavras que me saíram pela bôca fóra, destinavam-se a exprimir a origem da minha profunda simpatia, porque eu não sentia inclinação só por a ver inclinada no peitoril.

—E' sobretudo a sua constancia em me esperar a pé quando eu chêgo de noite, o vê-la, dedicadamente presente, seja a que horas fôr, de dia ou de noite! Por mais sceptico que eu me haja conservado, em amor, tenho de convencer-me de que me quer muito!

—«Muito! Nem imagina! O senhor tem sido o meu lenitivo naquele cativoiro...»

—«Cativeiro?! Pois não se sente bem com a sua familia?...»

—«Não que eu não estou em casa de minha familia...»

—«Então quem é aquela senhora de idade!»

—«Uma doente...»

—«Oh!»

—«Sou enfermeira em casas particulares. Ha tempo que estou ali a tratar aquela senhora coitadinha, que está muito mal. Não dorme nem deixa dormir Ha tres meses que não sei o que é ir á cama!...»

Estás a ver a minha cara: era uma dessas caricaturas de «cautchouc» que rasgam a bôca até ás orelhas quando se lhes aperta o queixo contra o tampo da cabeça. Pela primeira vez na minha vida, dispunha-me a amar. Convencêra-me de que aquele anjo velava por mim. Toda aquela miragem de contemplação, de sacrificio, aquela romantica sombra, aquele extase, aquela sublimidade lirica desabava, espalhando esta caliça de realismo: a velada damor não passava duma vigilia de enfermeira cuidando os achaques duma velha.

Imaginei-me transportado ao mundo dos sentimentos de eleição. Cai numa trivialidade realista, mascarada damor pela minha imaginação, pela minha vaidade e pelas tuas pregações de sentimentalista. Ora volta para cá, com as tuas pregações de sentimentalista. Ora volta para cá, com as tuas teorias de idealismo! Amor?

Contentemo-nos com a amizade como a que te tem o

Teu velho
Bernardo

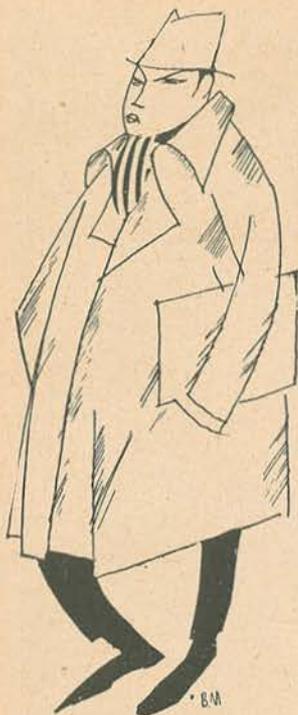


PELA CÓPIA

JOAQUIM LEITÃO

Da Academia de Sciencias de Lisboa

Ilustrações de *Stuart Carvalhaes*



O CARNAVAL DA ARTE

SEIS da tarde. Em pleno Chiado.
O carnaval tumultua, explode, foforeja.
Chêchés, máscaras torpes, relâmpagos de
côr.
Os olhos alagam-se de alarido. Ha trajes
que são trombetas de feira: retinem, vibram,
atordoam.

Corre o carnaval como um rio caudaloso, Chiado
abaixo, arco-irisado, rebri-
lhante, rodopiando aqui, ven-
cendo acolá um obstáculo,
—enxurro policromado que
se escôa, á esquerda, no de-
clive da Rua do Carmo, como
numa sargeta descomunal...

Corre o rio, vai corren-
do...

O carnaval!

Todos saíram para a rua
a exhibir-se: os velhos fo-
liões, as burguesinhas es-
beltas, os pequerruchos con-
tentes.

Eles aí vão, de braço da-
do, aos magotes, gritando
numa alegria barbara que nos
contunde.

Travestiram-se, ataram os
mascarins, aflautaram a voz,
e a cada esquina onde nos
topam encontram um pulpito
para sermoar, e a cada gesto
do nosso enfado desenterram
motivos de gáudio e de chala-
ça.

Caramba! A humanidade
sente-se livre, sem etique-
tas, sem convenções, sem
cara para se envergonhar!

A máscara tapa os ros-
tos, que são as taboetas das
almas.

Pondo a mascara mostramos o que somos...
Tal qual como na Arte. A Arte é a máscara que
descobre a nossa sensibilidade.

Quantas vezes nos desconhecemos na nossa pro-
pria Arte! E' porque gritamos mais alto, é porque
dissemos aquilo que só com máscara teríamos cora-
gem de dizer...

Na vida somos uns, na Arte somos outros.

A pintura, a literatura, a
música, são o eterno carna-
val das almas.

Uns escolhem este dis-
farce, outros preferem aque-
le: as formas são diferentes
mas teem sempre um fim — li-
bertar a sensibilidade.

Sem a máscara da Arte,
o mundo não nos permitiria
os nossos mais queridos so-
nhos, as nossas idéias mais
belas, as nossas loucuras mais
vãs...

Encósto-me a uma hom-
breira: deixo seguir a tor-
rente.

Meus olhos fixam-se nas
silhuetas dos artistas que pas-
sam, «nesta hora eram» no
turbilhão das almas que o car-
naval enovela como serpen-
tinas de côres...

Lopes Vieira, cruz de
Cristo no peito, ensanguen-
tada de lirismo, vai rimando
em redondilhas o pote de Mo-
fina Mendes...

Alfredo Pimenta, descido
da torre do seu orgulho, se-
gue de menino de côro da
catedral da Humildade, todo
estilizado em Wilde no seu
monóculo de decadente...

Julio Dantas exhibe-se no



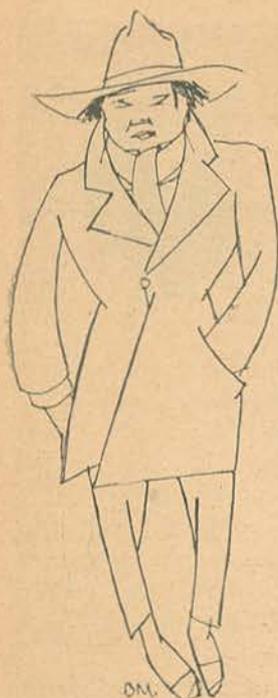
extraordinario disfarce de um *Vanille* oloroso que se esvae em fumo, na esteira de *Madame X*...

Antonio Boto está lindo, em *Pierrot*...

Vejo, com espanto, o Americo Durão algemado, como um vencido, a soluçar sob o formidavel peso delo do *Tantalo*...

Stuart Carvalhaes vai imensamente engraçado no seu costume de Viuva Gomes...

E Antonio Ferro polvilha de frases, como *confetti*, o corpo pecaminoso da *Leviana*...



Na tarde luminosa, as figuras chocam-se, batem-se desequilibram-se, em *marionettes*...

Augusto Santa-Rita anda terrível no papel do preto *Papusse* que quer comer os meninos...

O João Ameal, muito brilhante, figurino de Hoyos y Vinent, sobretudo cintado, vinte anos garridos, entrevista para a *Ilustração Portuguesa* a menina dos olhos cinzentos...



Quem desemboca da Rua do Alecrim mascarado de ferro velho?

Tem graça! E' o Esaguy!

Raul Leal, sobre um banco da Praça Camões, reclamisa o Infinito...

Sousa Costa, em Satanaz, é o susto do Chiado.

Julião Quintinha, todo de negro, alma vizinha do mar, cabeleira revoltada, procura de olhar absorto, entre a turba multicolor, a graça lamartiniana das Elviras, o pecado perturbante das Marias Peregrinas...

Lá vai o Almada Negreiros, menino vestido de dia claro, a jogar ao bolindro com os seus olhos gigantes...

E José Pacheco, disfarçado em Adães Bermudes, faz de monumento comemorativo da Sociedade Nacional de Belas Artes, á porta da *Brasileira*...

Tripudia o carnaval, — o carnaval Entrudo, o carnaval da Vide, o carnaval da Arte...

Deixa-lo seguir, o carnaval!

Hoje estes, amanhã outros, nunca o mundo se esquecerá de que o simbolo mais alto da Civilização é — a Mascara.

José DIAS SANCHO

Desenhos de Bernardo Marques e José Dias Sancho.



CONGRESSO ECONOMICO NACIONAL



No almoço oferecido pela comissão executiva ao sr. ministro das Colonias



Senhoras de Coimbra que tomaram parte na opera «Miselle» na festa dedicada aos congressistas

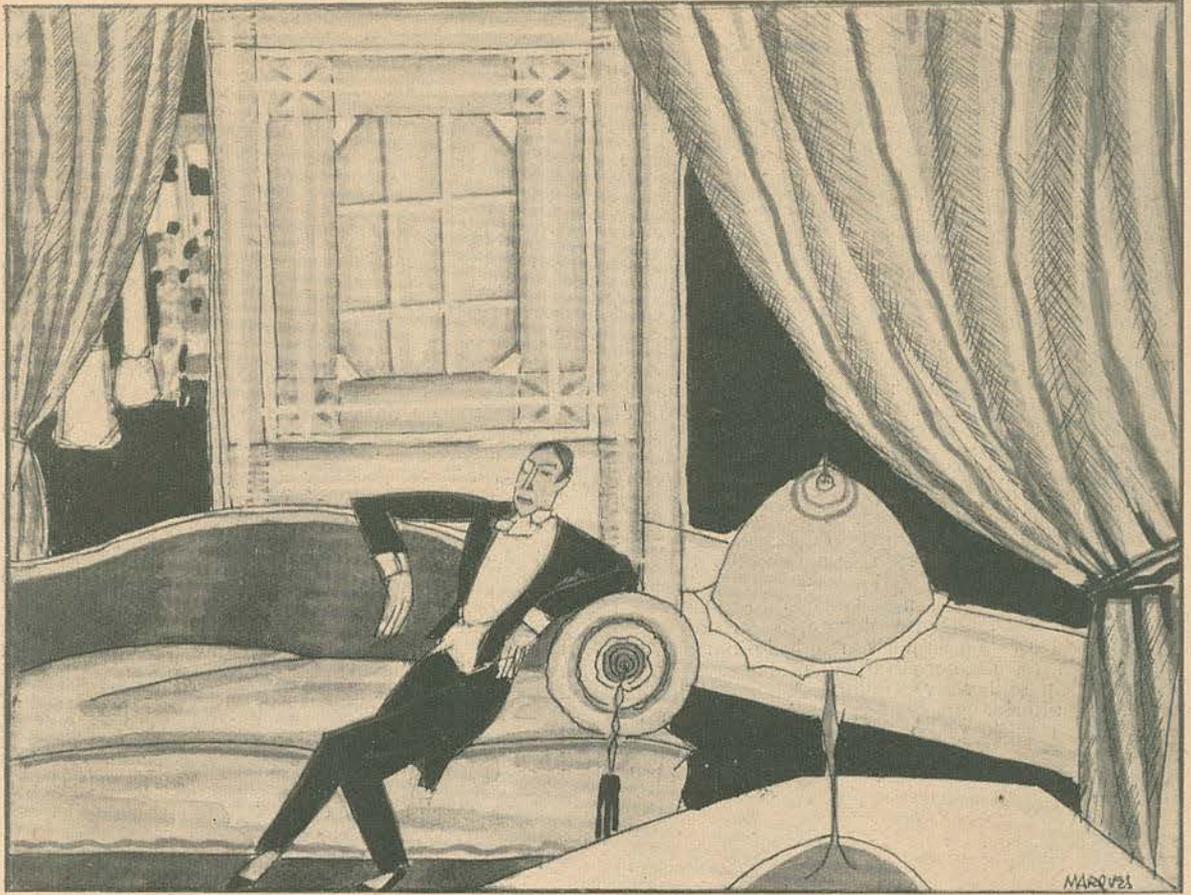


*Congresso Economico Nacional — A exposição nos claustros do templo de Santa Cruz em Coimbra.
Visita dos ministros*



Aspecto duma sessão do congresso

(Clichés Salgado)



C A R N A V A L



TODA a noite, num exaspero de nervos, numa crepitação de tédio, Reinaldo Altamira andara a colher o bafo escarlata do baile de mascaradas. Interessara-se pelas colombinas enervadas, que passeavam, entre os grupos, o escândalo dos seus decotes pódarrosados; seguiria um ou dois pares suspeitos, que procuravam isolar-se, para misteriosas confidencias; correria, cabriolára, no *sabbat* das rondas doidas de mascarados, como uma vaga mancha entre o *puzzle* dos coloridos, como uma loucura a mais entre as loucuras esgedelhadas. Por fim, vencido, spleenisado como um árabe, sem a coragem para continuar a estontear-se, tinha ido abrigar-se no refugio daquela saleta *abat-jourada*, quasi escura, onde o carnaval só chegava no eco violento duma risada ou no grito cromático dum *travesti*.

E ali, isolado, em *rendez-vous* com o seu proprio espirito, sentiu, mais uma vez, aquela onda de rebeldia, de maldade, de azedume, — que ha se-



manas o empolgava, o enchia todo, intimamente, da maré áspere, da maré febril e crucificada do sarcasmo.

Aquela hora, ela, risonha, adolescente, com aquela expressão infantil, *bonbonnière*, que trazia a evocação clara dum perfil terno de Greuze—andaria também, por um baile mascarado, com o braço enovelado no braço do outro, esse outro descomunalmente feliz, que o suplantara perante ela, arrebatando-lh'a com o prestígio apenas da sua presença dominadora. E esse outro, esse vitorioso fleugmatico e todo-poderoso, para quem ela era unicamente um trofeu a exibir, uma ninharia gritante a apregoar a sua supremacia e o seu desdém—esse outro talvez pensasse nele também, mas todo afundado numa piedosa ironia, como se tem sempre, ante as vítimas fracas dos nossos triunfos...

Reinaldo Altamira, nessa perspectiva que visionava com a lucidez crispada do Odio, sentia-se violento, absurdo, desvairado, capaz de todas as deselegancias e de todos os exageros... Para reaver essa silhueta flebil que desaparecera, uma tarde, do *écran* das suas horas, tudo esqueceria, tudo derrubaria, seria uma labareda de desejo, indominável, incomensurável...

Pouco a pouco, numa agonia pálida, crescente, a lampada nîpónica apagara-se, na pequena-saleta deserta. Indiferente á vida, Reinaldo deixara-se ficar, todo embrulhado na penumbra, sem um assomo de movimento, de reacção... Abandonava-se á voluptia maxima que ha, por vezes, na evocação de scenas e de imagens, inverosímeis e violentas, a estimularem o orgulho, a desfaldarem horizontes infinitos... E, minuto a minuto, a obsessão crescia, alastrava dentro dele como um dilúvio vermelho, galgava a consciencia e o equilibrio, exacerbava os nervos como um estilete, um estilete felino, traçoero, penetrante...

Repentinamente, no *hall*, soou, estralejou, a dissonancia alacre dum grupo intruso. Desfilaram, em frente de Reinaldo Altamira, sem o verem—a ele, todo indistinto no escuro—e fugiram logo, como um meteoro de ruidos, ruidos de vozes, ruidos de côres, ruidos de instintos... Mas, do grupo barulhante, dois vultos ficaram, e, furtivos, num deslizar macio, vieram aninhar-se mesmo junto dele, no *divan* lilaz, que amolecia o canto da sala com as suas almofadas

orientais, cheias de silhuetas híbridas de cegonhas...

Pelas vozes abafadas, tímidas, ronronantes como apelos de angorás—Reinaldo conheceu que eram uma mulher e um homem, certamente um farrapo de Aventura, a recolher-se á protecção do carnaval cumplice... Fez-lhe mal sentir ali, junto de si,—o abandonado, o desaparecido—aquele ondular de palavras e de corpos, aquela proximidade de epidermes, aquele nervosismo hipnotico de duas sensualidades em convergencia...

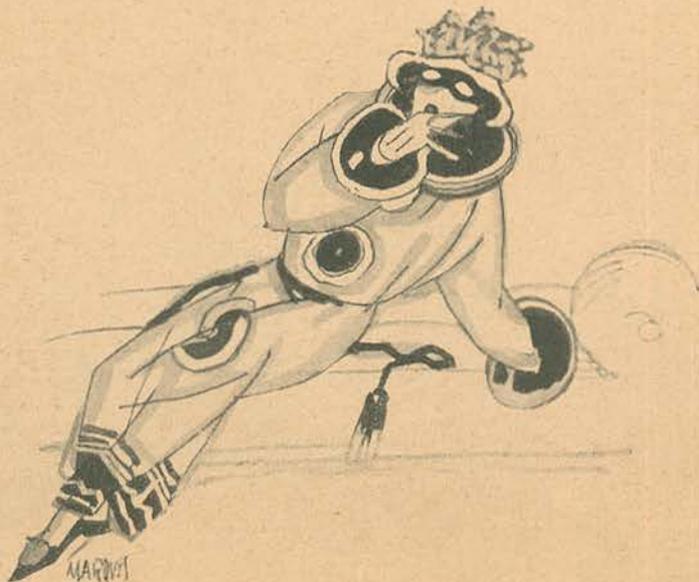
Entretanto, confiantes, com a necessidade de se desmascaramem, eles tinham começado a falar mais alto, numa surdina mais clara, menos hesitante, com vibrações incertas de desejo, inaplaceveis, imperiosas... E Reinaldo descobriu, a invadir-lhe o cerebro, os sentidos, a alma, uma alucinação, um calafrio... Reconhecia as vozes deles—a voz daquela que se evadira da rede dos seus braços ávidos e a voz do outro, *cambricoleur* da sua vaidade, do seu amuleto feminino...

A tentação foi demasiado energica, demasiado incombatiavel... Reinaldo pressentiu, na sombra, que aquelas bocas se tinham mordido, como duas falenas rubras... Teve, na sua vontade, um *élan* formidável, um naufragio de raciocínios e de escrupulos... E, curvando-se, rastejando, chegou até ao sofá, agarrou a nuca assedada da mulher, tomou-a bem fortemente nos seus dedos cegos,—e só abandonou a epiderme macia quando ela se amolçou, se escoou, sob a sua pressão mórbida... O homem, o mascarado, num espanto, não compreendia nada do que se ia passando, na treva. Até que, por fim, ancioso, foi buscar, ao *hall* iluminado, um balão veneziano, arco-irisado, numa tatuagem de lumes...

...E foi então que Reinaldo Altamira, de olhos fixos em surpresa e em desvario, compreendeu que ele não era o Odiado, o *cambricoleur* da sua vaidade e do seu socego e que ela, a mulher que ele esmagara, nas suas mãos profanadoras, não era a outra, a Cleopatra dos seus desejos e dos seus fremeitos, a que se evadira um dia dos seus braços elasticos e loucos...

João AMEAL

(Do livro inédito «Baile de Mascaras»)



ILUSTRAÇÕES DE BERNARDO MARQUES



A sr. D. Berta da Cruz Guimarães e o sr. D. Antonio de Mendia, saindo da capela da Ordem Terceira, a Jesus, depois do seu consorcio, em 11 do corrente

(Cliché Garcez)



A orquestra sinfonica do Teatro Politeama no dia da festa artistica do maestro Fernandes Fão

(Cliché Salgado)



A comissão dos Padrões da Grande Guerra

(Cliché Garcez)

CANÇÕES

Valsinha — Fiandeira — Canção dolente — Toada — Estrela
Moda Minhota

Seis faceis e inspiradas «*Canções dum Português*», para canto e piano, reuniu num 2.º vol. Armando Leça.

O «*Poemeto Lírico*», dirigido por David de Sousa; a «*Violeta*» e «*Miosótis*» do «*Cantico das Flôres*», dirigidos por Pedro Blanch; o «*Lirismo Arcaico*», interpretadas pelas batutas de Fernandes Fão e Rui Coelho; a «*Moleirinha*», ouvida, com sucesso, pelas alunas de D. Carolina Palhares; o «*Pró mar*», ensaiado por Sarti e cantado por seus alunos; e as «*Canções Líricas*», já interpretadas por alguns dos nossos mais distintos amadores; a musica apropriada ás fitas «*Rosa do Adro*», «*Fidalgos da Casa Mourisca*» e «*Amôr de Perdição*», todos estes trabalhos, que Lisboa aplaudiu e a critica encareceu, revelaram que Armando Leça — como Augusto Gil nos versos — é o mais requintado lirico da musica portugueza.

E' folhear este 2.º vol das suas «*Canções dum Português*»... As melodias, tão espontaneas, que se ouvem uma vez e logo

se cantam, são o que ha de mais honestamente portuguez no genero.

E'-nos até difficil apartar, dentre as seis, qual preferimos: se o cantavel da «*Valsinha*» e «*Moda Minhota*», a tristeza poetica da «*Canção dolente*», o requinte da «*Estrela*» e da «*Fiandeira*» ou essa pagina de misticismo deromeiros minhotos, que é a «*Toada*».

A capa, com seu alpendre, a escolha das quadras populares e a incontestada prohibidade de Armando Leça como compositor folk-lorista, consagram-no neste seu 2.º vol. das «*Canções dum Português*». Ouvilas-hemos, em breve, cantadas por todos os apaixonados da Musica Portugueza; e, felicitando o autor pelo triumpho da sua obra patriotica que todos os bons portuguezes devem vulgarisar, lamentamos tambem que, até hoje, um tão prestimoso e indispensavel elemento como Armando Leça, ainda não pertença á «*Comissão do Folklore Portuguez*».

TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afeições nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas gêmicas, escrofulas, linfatismo, falta de apetite, palidez, hemorragias, afeições osseas, raquismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre otimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5-00. Correo, até dois frascos, mais 50 centavos. Depósito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, r. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª, rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Ponta-Serra, Annes & Irmão

O homem misterioso

Que em 1920 profetiou a morte de MACHADO SANTOS e outros acontecimentos publicos (leiam o «Diario de Lisboa», do dia 3-11-921), e diz o vosso passado, presente e futuro, em amores e casamento, negocios, viagens, mudanças de vida, etc., é o astrologo **J. Rabestana**, que se mudou para a Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, Lisboa. Se escrever envie 1:000 ré's para a resposta.

Peçam já o prospecto

É consideravel o numero de pessoas que de todo o país, ilhas, colonias e estrangeiro estão requisitando matricula no curso de Escrituração Commercial por partidas simples e dobradas professado no

Instituto Nacional de Ensino por Correspondencia

L. Trindade Coelho, 7, LISBOA

Peçam já o prospecto do Instituto, que será remetido gratuitamente, e hão-de reconhecer as enormes vantagens do ensino comercial feito em suas casas.

O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e tisionomista da Europa

Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quilromancias, cronologia e fisiologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias utels, Pala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias utels,



das 11 da manhã às 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lota) — 115 00



Esse Rheumatismo

que com terrivel tenacidade faz suas victimas com frequencia, não tem outro inimigo mais acerrimo e invencivel que

Linimento Sloan

Durante os ultimos 30 annos, o

Linimento Sloan

grangeou uma multidão de admiradores em muitos milhares de pessoas, em todas partes do mundo, porque realmente mata a dor. Não se precisa ataduras, não requer fricção, não mancha, custa pouco e dura muito.

Para que permanecer mais debaixo das garras de horri-veis dores? Porque não estar preparado para combater a qualquer hora que se apresente? Compre uma vidro immediatamente.

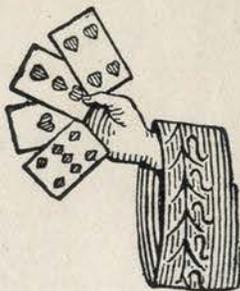
(Vende-se em todas as Pharmacias)

Linimento de Sloan

MATA DORES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º-Lisboa. 11, R. MOUSINHO DA SILVEIRA — Port

M. ME VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escisrece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias utels das 12 às 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

Ver, quarta-feira, o

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SÉCULO"

Preço: 20 centavos

MOBILIAS

DECORAÇÕES E ESTOFOS

GRANDES DEPOSITOS

152—Avenida da Liberdade—152

(JUNTO AO TEATRO)

VENDAS DIRECTAS AO PUBLICO

MOBILIAS

Fabricação especial para vendas em séries
3 mobílias das nossas oficinas 3

Por 2.850\$00

Casa de jantar, quarto para casal e sala de visita,
optima construção, madeiras maciças e espelhos biseautés

950\$00

Quartos para casal todos maciços, espelhos biseautés

MOBILIAS

Enorme sortimento desde as mais modestas ás mais
luxuosas.

Salas decoradas, sistema parisiense

UNICA CASA NO GENERO

152—Avenida da Liberdade—152

(Junto ao Teatro Avenida)